

Pequeno-almoço com José Manuel Galvão Teles

Sociedades com 100 advogados não fazem sentido em Portugal

O DE foi conhecer um dos fundadores da MLGTS, admirador da britânica Slaughter & May.

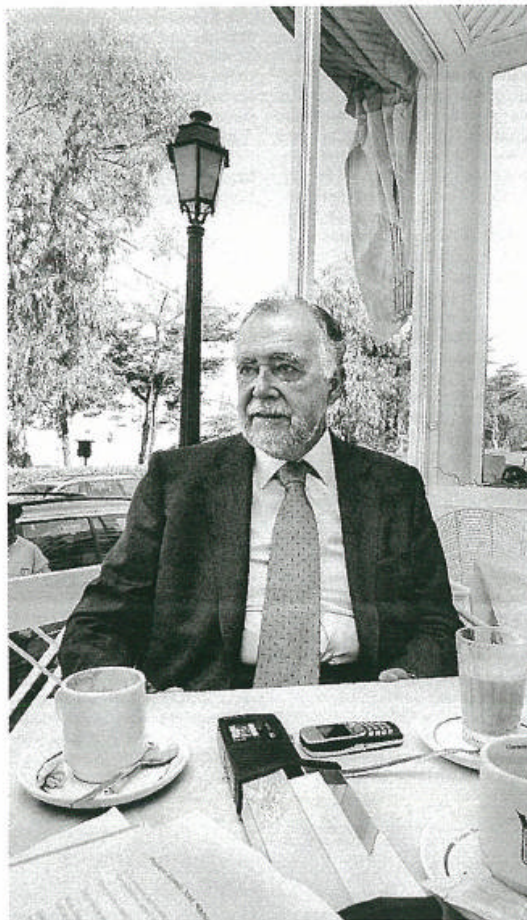
Filipa Ambrósio de Sousa
fsousa@economica.ief.pt

O cenário escolhido foi a pastelaria Garrett, no Estoril. O motivo foi um informal pequeno-almoço com o fundador de uma das mais antigas sociedades de advogados nacionais. O resultado, esse, foi uma conversa descomprometida com José Manuel Galvão Teles, ex embaixador de Portugal em Nova Iorque, que considera que o mercado da advocacia está saturado e que não haverá muito mais espaço para grandes sociedades de advogados em Portugal.

Actualmente, considera que as sociedades de advogados em Portugal estão inseridas num contexto de «verdadeira febre e loucura» e com os olhos postos nas possíveis fusões e na comunicação social. Este advogado, membro do Conselho de Estado, e conhecido na praça pelo seu 'low profile' e anti mediatismo, embora não poupe críticas à comunicação social não deixou de conceder uma entrevista ao DE. O resultado foi uma conversa com um belíssimo contador de histórias e um apaixonado confesso pela arte de litigar. Retrato de uma advocacia da velha guarda.

Qual seria a sociedade portuguesa que gostaria de ter fundado, que não a sua?

As sociedades de advogados em Portugal, de nível internacional, tiveram como fundador o pai de André Gonçalves Pereira. Admiro por isso a história da Gonçalves Pereira, Castelo Branco. Porque teve o mérito de perceber o que



José Manuel Galvão Teles aponta o contencioso como área fundamental.

era importante na internacionalização da advocacia. E depois do 25 de Abril juntou um grupo de advogados de muito mérito, mas ainda com pouca experiência. Também o trabalho de António Maria Pereira na PLMJ é de registar, porque teve o mérito de ir buscar Luís Sáragga Leal. Mas o mais completo advogado, promotor deste tipo de sociedades, é sem dúvida João Morais Leitão, não só pela sua competência jurídica, mas também pela sua capacidade de gestão.

Há sociedades em Portugal que barram a entrada de filhos ou familiares de sócios nas empresas, que não é o vosso caso. O que pensa dessa prerrogativa?

Entendo que é um problema interno destas sociedades, que exigem sempre muita competência e muita dedicação. E é sempre um risco quando se trabalha com familiares. Mas também pode ser que se esteja a evitar a competição familiar, que não é saudável.

Acha que esta vaga de fusões pode ameaçar a independência da MGLTS?

Não, de todo. Tem de se ter capacidade suficiente para responder às necessidades dos clientes. Não

se pode fazer todo o tipo de trabalho, embora se tenha de prestar um serviço global. Mas uma sociedade com cerca de 100 advogados a curto prazo já é mais do que suficiente. Por isso, não acho que estejamos ameaçados.

Acha que é o momento de abrandar a concorrência 'desenfreada' das sociedades?

As sociedades devem ter cuidado e olhar para a sua actividade e não se preocuparem tanto com o que se passa à sua volta. Estão numa competição tal que muitas

vezes nem têm noção da questão de conflitos de interesses. Nós temos de estar contentes com o que fazemos e deixarmos de olhar à nossa volta.

Das estrangeiras, escolha um nome de referência.

A Slaughter & May é uma sociedade muito especial ao nível

da competência que tem demonstrado ao longo dos anos.

Acha que a posição da Linklaters em Portugal mexeu com o mercado?

Nem por isso. Acho que é sempre difícil uma sociedade portuguesa ter que se subordinar a comandos estrangeiros. E sabemos que o escritório em Lisboa é uma sucursal de Londres, o que levanta problemas de independência.

A ementa

- Galão
- Croissant com fiambre e queijo
- Café

Galvão Teles defende que as sociedades devem olhar para a sua actividade e não para o que se passa com as restantes.

A política como parte de uma vida de barra

«Pintura, ópera, livros, música clássica, cinema e futebol e charutos». Desta forma descortada e peremptória o advogado confessa ao Diário Económico muito do que, na sua vida, está para além das salas de audiência. «Mas não consigo deixar de ser viciado no trabalho, é uma espécie de droga», confessa ao mesmo tempo José Manuel Galvão Teles, sportinguista ferrenho. O que começou por ser uma conversa informal sobre a prática da advocacia resultou numa conversa longa, com um homem que, para além da advocacia, dedica algum tempo à cinefilia e assume uma paixão de há muito pela política e cinema.

Fazendo parte do círculo de amigos de João Bénard da Costa, José Manuel Galvão Teles elege «O Leopardo», de Luciano Visconti e «Citizen Kane», de Orson Welles, como filmes que marcaram uma época da sua vida. Embora «Casablanca seja sempre o Casablanca», confessa o advogado. Katharine Hepburn, Henry Fonda, James Stewart, Orson Wells e Lauren Bacall esgotam as suas preferências na arte de actuar.



Galvão Teles morou, em Nova Iorque, no mesmo edifício de Lauren Bacall. Esperava-a nos corredores, só para ver passar a musa dos anos dourados.

Aliás, enquanto embaixador em Nova Iorque, José Manuel Galvão Teles teve o privilégio de morar precisamente no mesmo edifício da viúva de Humphrey Bogart, no Dakota Building — onde «fazia esperas, no corredor do edifício», à espera de ver a musa do cinema dos anos dourados pas-

sar.

Neste momento, o advogado está a ler um livro de Ciência Política. Prefere não dizer qual «por ser um pouco chato». «Não tenho muito tempo para ler romances, mas gosto muito da escola indiana», partilha o advogado.

Do leque de viagens de José Manuel Galvão Teles fazem parte destinos e histórias, no mínimo, originais. «Estive em Beirute, depois da cidade ter sido bombardeada, e atravessei todo o deserto até Petra, onde foi filmado um filme de Steven Spielberg — Indiana Jones e o Templo Perdido». Londres, Florença e Roma fazem parte das suas preferências europeias e aconselha vivamente uma viagem no tempo à Rússia dos Czares, a «luminosa» São Petersburgo.

Apoiante formal de Manuel Alegre nas últimas eleições para secretário geral do PS, Galvão Teles é amigo pessoal de Jorge Sampaio e de Mário Soares e é actual membro do Conselho de Estado. Mas apesar do apoio formal ao poeta socialista, o advogado considera que «José Sócrates é um ho-



A advocacia mais nobre é a que se pratica nas salas de audiência, embora haja muitos advogados que nunca pisaram uma sala de audiência.

mem inteligente e com muito boas condições para o debate com o actual primeiro ministro, Pedro Santana Lopes». O advogado considera ainda que «a advocacia de Tribunal é a mais nobre», numa altura em «isso parece esquecido pelas camadas mais novas», conclui.